

GUATA PORÃ | Belo caminhar

Projeto Pesquisadores Guarani no Processo de Transmissão de Saberes e Preservação do Patrimônio Cultural Guarani – Santa Catarina e Paraná | Agosto de 2014 / Novembro de 2015

Realização	Centro de Trabalho Indigenista – CTI	Comissão Guarani Yvyrupa – CGY	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan
Coordenação do Projeto	Daniel Calazans Pierri (CTI)		
Coordenação Pedagógica	Ana Maria Ramo y Affonso		
Coordenação Técnica do Iphan	Juliano Martins Doberstein (Iphan-PR)		
Pedro Gustavo Morgado Clerot (DPI/Iphan)	Regina Helena Meirelles Santiago (Iphan-SC)		
Gestão	Ana Tommasuolo (CTI)		
Eliza Bolsoni Castilla (CTI)	Wilson Euzébio Wera, Tekoa Yva Yvate, SC		
Elizete Antunes Ara, Tekoa Massiambu, SC	Ronaldo Costa Karai Tukumbo, Tekoa Pirai, SC		
Xeramói Augusto Da Silva Karai Tataendy, Tekoa Marangatu, SC	Xeramói Timoteo Oliveira Karai Tataendy, Tekoa Itanhaen, SC		
Coordenador Tenonde	Marcos Tupã		
Coordenação Geral	Coordenação Geral		
Gilberto Azanha	Maurício da Silva Gonçalves, RS		
Maria Elisa Ladeira	Leonardo da Silva Gonçalves, PR		
Maria Inês Ladeira	José Benites, SC		
Conrado Rodrigo Octavio	Timoteo da Silva Vera Popygua, SP		
Daniel Calazans Pierri	Julio Garcia Xijyu, RJ		
Omar Silveira Junior	Neudo Kuaray Mirim Fory Fernandes, ES		
Pollyana Mendonça	Secretários		
Coordenação dos Programas:	Marcelo Caio Nussenzweig Hotimsky		
Guarantí – Maria Inês Ladeira	Neusa Fory Quadro, SP		
Javari e Timbira – Gilberto Azanha e Maria Elisa Ladeira			
Comunicação			
Helena Ladeira Azanha e Rafael Nakamura			
Coordenação Administrativa			
Evanildo Teixeira			
Presidente	Presidente da República		
Elisete da Silva Noleto	Dilma Rousseff		
Coordenação Geral	Ministro da Cultura		
Gilberto Azanha	Juca Ferreira		
Maria Elisa Ladeira	Presidente do Iphan		
Maria Inês Ladeira	Jurema de Sousa Machado		
Conrado Rodrigo Octavio	Superintendente do Iphan no Paraná		
Daniel Calazans Pierri	José La Pastina Filho		
Omar Silveira Junior	Superintendente do Iphan em Santa Catarina		
Pollyana Mendonça	Liliane Janine Nizzola		
Coordenação dos Programas:	Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial		
Guarantí – Maria Inês Ladeira	T.T. Catalão		
Javari e Timbira – Gilberto Azanha e Maria Elisa Ladeira	Diretor do Departamento de Articulação e Fomento		
Comunicação	Luz Philippe Peres Torelly		
Helena Ladeira Azanha e Rafael Nakamura	Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização		
Coordenação Administrativa	Andrey Rosenthal Schlee		
Evanildo Teixeira	Diretor do Departamento de Planejamento e Administração		
	Marcos José Silva Rêgo		
	Coordenadora-Geral de Identificação e Registro		
	Mônia Luciana Silvestrin		
	Coordenadora-Geral de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial		
	Rivya Bandeira Ryker		
	Coordenadora de Identificação		
	Sara Santos Moraes		

Xejary! Maria Guimarães – Para Rete
(Tekoa Marangatu, Imaru/SC)

É, meu irmão, minha irmã! Nós temos que lembrar deles. As futuras gerações, as mulheres, as crianças, os homens, tinham que lembrar deles. Nós sabemos disso, mas não fazemos sempre o que ele falou!

Os Nhanderu Mirim belamente caminharam

NHANDERU MIRIM KUERY OGUATA PORÃ



Há muitos anos atrás, existiu um Guarani, a quem hoje conhecemos como Xapa. Ele era *tekoaxy* como nós, um mero ser humano. Ele se casou e teve dois filhinhos, que eram dois meninos. Um dia, os dois faleceram. Ele chorou muito, tanto que até ia morrer também, mas, então, ele se lembrou de *Nhanderu* e pediu a força, o ânimo, a saúde. Pediu pra levar ele pro céu, porque morreram os dois filhinhos dele. *Nhanderu* ficou sentindo por ele e, então, falou: "tudo bem, mas você tem que fazer aquilo que eu pedir. Ai eu vou te ajudar". De lá onde estava, ele só escutou; ele não viu, não enxergou. Foi então que *Nhanderu* falou para ele que, se ele quisesse mesmo ter força para continuar, ele tinha que se separar da mulher. Ele era casado, mas começaram a dormir separados, não namoraram mais. Nunca mais mexeu com a mulher e nem a mulher mexeu com ele.

Quem estava determinando isso era *Nhanderu*, porque ele já estava prestes a atravessar o mar. *Nhanderu* falou pra ele: "você já pode se preparar, a sua hora chegou. Os *tembiguai* (os auxiliares de *Nhanderu*) já vão chegar pra te levar". Ele foi e deixou os dois filhinhos na Terra; não levou nenhum. Quando eles morreram, *Nhanderu* falou pra ele não ficar triste, pra deixar um pouco *tekoaxy* (a condição de ser humano, de viver na Terra). Então, ele foi e chegou à beira do mar. Começou a cantar e vieram os *tembiguai* (ajudantes de *Nhanderu*), em um barco, para atravessar o mar. Nós, *tekoaxy*, não sabemos por onde ele atravessou, em qual praia exatamente eles vieram buscá-lo. Não sabemos o local exato onde ele se encontrou com os *tembiguai*, os *nhẽ xondaro* (espíritos guardiões) de *Nhanderu kuery*. Eles se aproximaram e disseram: "você pediu, e agora nós estamos aqui. Pode pôr o pé neste barco"; Xapa falou assim: "eu não posso, porque eu sou *tekoaxy*. Podem abrir um caminho pra mim, no meio do mar, para eu passar? Assim será melhor pra mim": Assim que aconteceu.

Ele estava passando o mar e, quando chegou do outro lado, alguém trouxe para ele um pedaço de cipó imbé. *Nhanderu* ia testar aquele que seria o primeiro *Nhanderu Mirim* nesta Terra, Xapa, pra ver se ele estava sabendo mesmo; fez mais um teste. Xapa entendeu e pegou o cipó imbé sabendo que não foi entregue à toa pra ele; ele teria que usá-lo para algo. Sabia que devia se preparar para o que vinha pela frente. Então, quando ia botar o pé em *Vvy Mard'ey* (Terra que nunca vai terminar), vieram em sua direção dois leões marinhos gigantes. Vinha cada um de um lado, querendo atacar ele. Então, ele falou pra *Nhanderu*: "eh xerui, meu pai, eu sei que isto é uma prova, uma *teko'ã*. Eu não tenho medo". Ele disse que acreditava mesmo em *Nhanderu*, por isso, não tinha medo. Como ele já sabia, ele pegou aquele cipó imbé e lançou os dois leões marinhos pelo pescoço e foi levando. Ele terminou de fazer a travessia, depois soltou os dois leões marinhos e mandou eles voltarem ao mar, que é a casa deles. *Nhanderu* Xapa foi o primeiro *Nhanderu Mirim*.

Depois de um ano, ele voltou de novo nesta Terra, pessoalmente. Ele foi ao cemitério, onde tinha enterrado os dois filhos dele. Fez eles se levantarem de novo e os levou; foi embora e, até agora, não veio mais. Quando os outros viram, ele já estava lá em cima. Então, eles disseram que também queriam ir para o céu. Fizeram uma *Copy* bem grande para todo mundo se unir. Um dia, *Nhanderu* disse ao chefe deles: "agora que vocês são bastantes, agora vocês seguem à beira do mar". E mostrou a estrada para eles. Eles viram e se encaminharam até lá, até aquele lugar que se chama hoje Porto Seguro. *Nhanderu* os ajudou a fazer uma passarela e, por isso, eles não tiveram tanta dificuldade pra chegar. Alguns passaram, mas outros ficaram e morreram, porque não obedeciam realmente o *Karai* (aquele que tinha o conhecimento), então, *Nhanderu* não perdoou. Aqueles que chegaram foi porque eram protegidos por *Nhanderu*, e nenhum bicho incomodava eles.

Nhanderu Xapai, Nhanderu Mirim Tenonde. Xapa foi o primeiro que foi com *Nhanderu*, o primeiro *Nhanderu Mirim*. Os que vieram depois, buscando, eles iam pelo mesmo caminho que Xapa, e foram construindo as *Tava* (casas de pedra, também conhecidas como Missões Jesuíticas). Aqueles que vinham atrás iam fazendo o mesmo que *Nhanderu Xapa*. Bastante gente veio depois pelo mesmo caminho que Xapa, e eles iam fazendo as *Tava*, de acordo com o que o próprio *Nhanderu* dizia. Eles as fizeram com os *juruá* (não indígenas, brancos).

Por causa disso é que nós estamos por aqui até hoje. Cada vez mais. Porque nós seguimos aqueles que alcançaram a terra de *Nhanderu*. Os nossos antepassados queriam ir também, é por isso que eles vieram. Mas não deu. Alguns passaram, mas só um ou outro consegue. A maioria dos que vieram não alcançaram porque não obedeciam o *Karai*. Alguns acreditavam e outros não acreditavam muito. E, assim, foram indo. Por isso que houve muitos que ficaram, se criaram por aqui, por onde hoje é o Brasil, e na Argentina também. Porque, pra ficar como Argentina, dizem que quem descobriu foram os espanhóis. E este pedaço aqui, foram os portugueses. Quando um descobria, o outro também queria. Depois de muitos anos, dividiram esta terra. Por isso que tem Brasil, Bolívia, Argentina. Agora, *Vvy Mbyte* está no lugar, até hoje, onde *Nhanderu* deixou.

[...] Quando a pessoa não falece na Terra e vai para a morada de *Nhanderu*, nós o chamamos *Nhanderu Mirim*. Eles são os segundos donos da Terra. *Nhanderu Tenonde* é o primeiro dono da Terra. O segundo são aqueles que, há muito tempo atrás, caminharam e passaram para *Vvy Mardé'y*.

O primeiro *Nhanderu Mirim* era também uma pessoa, que era *tekoaxy*, um mero ser humano, que erra. *Nhanderu* mesmo que nos fez assim, para sermos *tekoaxy*. Mas, como é que os *Nhanderu Mirim*, sendo *tekoaxy*, conseguiram passar? Eles se concentravam na *Opy*. Eles rezavam e pediam pra *Nhanderu*, e *Nhanderu* mostrava o caminho. Ele dizia: "agora vocês podem ir". O *Nhanderu Mirim rá* (aquele que será *Nhanderu Mirim*), ele inicia a caminhada. Ele não vai ficar em um só lugar, vai mudando, vai mudando. Durante todo esse tempo, ele fica na *Opy*, cantando, perguntando pra *Nhanderu* como é que tem que ser. Então, *Nhanderu* vai mostrar outro lugar, pra onde ele tem que ir. E vai mudar de novo, até atravessar o mar. É isso que aconteceu.

Eles sabiam viver da forma certa pra seguir o caminho. Eles não falavam besteira, não brigavam, faziam as suas plantações e não comiam o alimento dos *Juruá*. Sempre seguiam em frente, fazendo aquilo que *Nhanderu* falava. Era assim que eles, os *Nhanderu*, os deuses, conseguiam conhecer todo mundo, se poderiam ser ou não *Nhanderu Mirim*. Plantavam abóbora, milho, *jetý* (batata doce), faziam *kaguyly* (bebida de milho), plantavam *mandui* (amendoim). *Nhanderu* dizia quais eram os alimentos que eles podiam comer. Não podiam comer qualquer alimento, porque estavam prestes a fazer a caminhada. Já estavam se preparando. Quanto mais eles se aproximavam do local sagrado, tinha mais coisas que não podiam fazer. Eles começavam a obedecer a palavra de *Nhanderu*, sobre aquilo que pode comer e aquilo que não pode comer. Então, eles aprendiam como fazer para atravessar o mar. São os *Nhanderu Mirim*, que aparecem como um raio (overa) no céu. Às vezes, de noite, a gente vê um raio sem chover. Esse é o *Nhanderu Mirim*, aquele que viveu na Terra. Ele que faz esse raio com o "banco de Tupá", *Kuapy Tukumbo*.

Xeramói Mario Guimarães – *Kuaray Mirim*
(Tekoa Marangatu, Imarui/SC)

Eles vieram de Paranaguá; passaram por Paraná. *Oguta portí* Eles caminharam belamente, fizeram uma boa caminhada. Os *jurua* não tinham chegado ainda. Antes deles chegarem, nós já estávamos aqui, neste lugar. Eles, aqueles que seriam *Nhanderu Mirim*, tinham o pensamento dentro do coração, no peito, e só por isso que eles vieram. *Nhanderu* que falou aos *xeramói* para fazerem essa caminhada, e as outras pessoas seguiam esses *xeramói*. *Nhanderu* que dá esse conhecimento pra fazer a caminhada. Não caminhavam somente porque eles queriam. *Nhanderu* que mandava fazer essa caminhada. Foram os *xeramói* e as *xejaryi* daquela época que abriram o caminho. Naquela época, era tudo mato fechado. Nem o branco existia naquela época. Mesmo assim, eles vinham caminhando. *Nhanderu* guiava, mostrava o caminho. Eles perguntavam para *Nhanderu*: "podemos ir?"; "já está aberto o caminho. Vai mesmo", diziam os *Nhanderu kuary*. Ai, eles andaram. Os mais velhos sempre andavam com *Nhanderu*, em espírito, sempre rezando. Eles caminhavam não só por caminhar, mas seguindo o propósito, o objetivo que eles tinham. *Guota portí*, o belo caminhar, é isso. Eles fizeram a travessia; atravessaram o mar seguindo as orientações de *Nhanderu*. Eles atravessaram o mar; este mesmo mar que nós vemos hoje.

Estou contando, mas não vou contar tudo. Não vou me prolongar muito, porque pra eu contar a história desde o início, é difícil pra vocês compreenderem. Os *xeramói* e as *xejaryi* fizeram toda essa caminhada e atravessaram o mar junto com os *nhe'ê* (espíritos). A caminhada que eles faziam era muito difícil. Eles andavam pela floresta, por lugares onde nunca ninguém tinha pisado antes e, mesmo assim, não acontecia nada. Eles vinham, e paravam em alguns lugares, às vezes ficavam anos, às vezes paravam uma ou duas noites só. Mesmo assim, não acontecia nada com eles. No caminho, sempre encontravam algo pra se alimentar; nunca passaram fome, nunca faltou nada pra eles. E, assim, eles atravessaram. Aquelles que caminhavam, chegavam até o lugar que *Nhanderu* tinha mostrado. Lá eles encontravam os *tembiguai kuary* (ajudantes de *Nhanderu*) e de lá eles partiam para a morada de *Nhanderu*. Quando chegavam perto do mar, os *xeramói* ficavam esperando os *nhe'ê kuary*, os *tembiguai kuary*. *Nhanderu* mesmo que escolhia aquelas pessoas que obedeceram à regra. E ele levava essas pessoas. Aquelles que fizeram algum mal pra alguém ficavam. O próprio *Nhanderu* mandou os *xondaro* para atravessar aqueles que seguiram a regra, a lei. Quem segue certo, chegava à beira do mar. Ai, *Nhanderu* mandava os *xondaro* pra atravessar eles no barco.

Isso que foi lembrado desde o começo. Aconteceu isso, eles atravessaram. Fizaram o que tinha que ser feito; por isso que atravessaram. Por isso que os *xeramói* falam até hoje, porque é real o que aconteceu tempos atrás. Por isso que eles dizem *Guota Ford*, belo caminhar, porque eles acreditaram.

Xeramói Miguel Benites – *Karai Totóxi*
(Tekoa Itaxim Mirim, Parati/RJ)

Os nossos *Nhaneramdí Kuery* que viveram há muito tempo atrás já se foram e não temos mais aqueles que poderiam contar todas as suas histórias. Mesmo assim, tem alguns que ainda sabem. Tento lembrar como e onde começou, mas é muito difícil a gente passar o nosso conhecimento aos outros. É tudo verdade, há muito tempo atrás os *Nhaneramdí Kuery* vieram. Eles vieram do centro da Terra. Caminhavam sem parar, parando só para comer e dormir. Sempre vinham seguindo ao lado da beira do mar. Nessas caminhadas, eles passavam dificuldades. Sempre que chegavam em algum lugar onde tinha boa, eles faziam plantação. Eles ficavam mais ou menos um ano nesse lugar. É por isso que estas aldeias de hoje já existem há muito tempo atrás. Quando faziam a caminhada e faziam paradas, eles aprendiam como a sabedoria dos bichos, das plantas e de todas as coisas. Eles eram *Karai Kuery*, por isso que eles tinham a sabedoria.

Xeramói João Silva – *Vera Mirim*
(Tekoa Xapuka/Brakui, Angra dos Reis/RJ)

Eu ouvi também que, antigamente, quando aqueles que seriam *Nhanderu Mirim* chegavam ao mar, vinha uma espécie de cobra muito grande, com a boca enorme. Aquela que quer atravessar, não deve ter medo. Ele entra, tranquilamente. Porque nós vemos como cobra, mas é tipo um navio; a gente entra como em um navio. Quem tem coragem, já vai lá para o outro lado, para *Vvy Mará e'Y*. Mas aquele que não tem coragem fica, não vai mais.

Nhanderu reko, do sistema de *Nhanderu*, e isso é muito doloroso. Agora, nós estamos na beira de *Nhanderu retá* (a cidade de *Nhanderu*), pertinho da capital de nosso deus. Mas nós, pessoas, não vemos, pensamos que é longe. Não é. Nós já estamos pertinho. Me pediram para lembrar de os brancos ele já havia atravessado.

uma fumaça, por cima do mar; nós chamamos essa fumaça de *tataxina*. Ele caminhou e atravessou. Antes de chegarem sozinho, de *Vvy Mbyte*. Ele não pegou nem canoa, nem nada, atravessou por cima do mar, passou. *Nhanderu* colocou só Atravessaram muitas pessoas que estão hoje lá em *Vvy Mará e'Y*. *Nhanderu Xapa* é o primeiro *Nhanderu Mirim*. Ele veio. Os nossos parentes que vieram pela primeira vez, estão todos do outro lado do mar, todos; não ficaram por aqui.

de *Nhanderu*. Através disso, eles conseguiram que *Nhanderu* iluminasse aquele caminho para eles. a *Nhanderu*. *Nhanderu* estava vendo o que eles estavam fazendo, o trabalho que fizeram. Eles tinham amor, igual ao amor *Nhanderu tenonde*, *yvrajia tenonde*, aquele que ficava na frente da comunidade, tinha amor por todos, e ele mostrou isso todos. Eles tinham amor pela vida das pessoas. Por isso que eles conseguiram que *Nhanderu* iluminasse o caminho para eles. através da reza, contando, passando informação para *Nhanderu* sobre a comunidade, pedindo para *Nhanderu* fortalecer a os filhos e os netos, ele queria que vivessem em tranquilidade, que todos tivessem *mbarate* (força). Eles conseguiram caminhada. Aquela que ia na frente, o *Karai* (líderança espiritual), tinha amor, por isso eles conseguiram. Todos os parentes, sozinha que queria caminhar e ia. Eles conseguiram através da casa de reza, através da reza eles conseguiram realizar a caminhavam sozinhos. Eles caminhavam através da palavra de *Nhanderu*, que ilumina onde tem que ir. Não era a pessoa Aquelas que seriam *Nhanderu Mirim* caminhavam lá de *Vvy Mbyte* (o centro do mundo), onde tinha uma *Opy*. Eles não

Pra mim, na minha sabedoria, a estrada dos *Nhanderu Mirim* vem lá de São Miguel e de *Vy Mbyte*. Essa estrada tem vários quilômetros. É uma estrada subterrânea que vai sair lá em Paranaguá, em Monte Cristo. De Paranaguá vai pra Itanhaém, em São Paulo. E de lá de Itanhaém, tem outra que vai para o Espírito Santo, Vitória, onde tem ruína também. Em Anchieta, ali também tem estrada. Dall tem outra estrada que vai lá pra Porto Seguro, na Bahia. E tem também outra estrada debaixo da terra lá no Peru. Assim que nós sabemos.

Antigamente, o que fizeram primeiramente por baixo da terra? Quais foram os bichos que fizeram a estrada? Que tipo de bichos fizeram essas estradas para os *Nhanderu Mirim*? Não foram pessoas que as fizeram. Mas quem trabalhava pra eles, para os *Nhanderu Mirim*? Na entrada da estrada subterrânea, as pessoas fizeram uma escada, pra ver, pra entrar. De onde vieram pra fazer a estrada? Com quem que *Nhanderu Mirim* falou pra vir fazer a estrada por baixo da terra? Por meio da pedra, dentro da pedra, fazer quilômetros e quilômetros, quantos mil quilômetros fizeram? Disseram que foram os escravos que fizeram. Nada. Eu estou sabendo, mas nem Guarani está sabendo. Vários são caciques, vários são pajés, mas não sabem. Quem fez? "São os *Nhanderu Mirim* que fazem". Claro, foi pra eles que fizeram a estrada. A estrada por dentro da terra é uma espiral, que vai por onde tem rio, passa por baixo. Vai passando. Não faz falta nem ponte: passa por baixo da água. Vai pra longe. Até agora ainda tem, em alguma parte tem. Mas é muito difícil passar. Então, foram uns bichos muito grandes que fizeram. Se eles viessem por baixo, descendo mais ou menos uns 15 metros de fundura, eles iam estragar tudo por cima. Tinham que ir mais fundo: uns 20 metros, 30 metros de fundura. Ai, iam fazendo. Foram os *Nhanderu Mirim* que pediram para fazer essa estrada pra eles. Eles fizeram, e as pessoas iam seguindo. Assim eram os *Nhanderu Mirim*, inteligentes. Eles eram pessoas, nossos parentes, mas eles rezavam tanto que acompanhavam *Nhanderu*, falavam com *Nhanderu*, falavam com qualquer bicho. Eles entendiam qualquer palavra, do branco, de qualquer nação. Os bichos também falam; os passarinhos falam, e eles entendem. Por isso que nós os chamamos *Nhanderu Mirim*. Eles que fizeram as *Tova*, as ruínas (Missões Jesuítas e outras construções de pedra). Eles que fizeram. [Os brancos] pensam que mataram a todos, mas os *Nhanderu Mirim* têm muita responsabilidade, e nunca morrem. Os brancos fizeram guerras, mas eles entravam nessas estradas por baixo da terra e saiam em outro lugar. Os soldados vão matando, vão fazendo guerra. Mas os *Nhanderu Mirim* nunca morrem, sempre seguem. Eles não são como nós. A gente olha pra eles e vê que na mão deles já está tudo "esclarecido", iluminado; as pernas deles já estão totalmente "esclarecidas", aí eles vão. Se não estiver, não vão.

Lá em São Miguel das Missões, os brancos diziam que mataram todos, mas não. Eles entraram na estrada que vai lá pra Itanhaém, e saíram lá. Por ali foram 150 pessoas, 150 Guarani que escaparam lá de São Miguel das Missões. Os brancos pensam que mataram todos, mas não. A maioria, aqueles que rezam muito, que não tem mais *tekoxy*, escapou. Foram 150 pessoas. O resto morreu tudo; eles rezavam menos, não tinham condições de ir, por isso, os brancos mataram todos. Mas aquelas 150 pessoas foram dali. A gente entende a palavra deles, por onde eles iam passar, contaram tudo. Mas os brancos não entendiam. Escaparam dali mesmo, ali das Missões.

Xeramói Timoteo Oliveira – Karai Totaendy
(Tekoa Itanhaem, Biguaçu/SC)

Antigamente, os mais velhos caminhavam, iam de um lugar pra outro, mas eles não caminhavam só por querer. Era *Nhanderu* que iluminava o caminho, que dizia para fazer a viagem. Onde tinha ruínas, as *Tova*, eram os *Nhanderu Mirim* que trabalhavam ali. Quando os Guarani andavam, eles paravam onde *Nhanderu* dizia pra eles pararem. A ruína foi feita através da história. *Nhanderu* iluminava o caminho pra seguirem a viagem, porque ele queria que chegassem onde ele estava com o corpo e com o *nhe'ê*. Os *Karai* rezavam e, através dessa reza, *Nhanderu* iluminava o caminho, determinando por onde eles iam andar, e onde eles iam descansar. Vocês estão vendo aqui, nesta aldeia, como é a reza. Antigamente, tinha muita reza pra poder alcançar *Vvy Marã'ey*.

Xeramói Augustinho da Silva – *Karai Totandy Oka*
(*Tekoa Guyra'i tapu, Parati/RJ*)

É pra escapar mesmo que eles faziam aquelas estradas por baixo da terra, porque *Nhanderu* já estava sabendo que ia chegar alguém pra brigar. Então, eles iam entrando ali. Ninguém ia saber? foram? Ninguém ia saber?

Essa estrada, quem vai seguir, são os *Nhanderu Mirim*. As pessoas como nós, não conseguimos seguir essa estrada, enxergar essa estrada. Ninguém vai naquela estrada, ninguém vai saber. Só aqueles que rezam igual aos *Nhanderu Mirim* vão caminhar de novo por aquela estrada. Os outros não vão mesmo; não é pra (qualquer) pessoal assim. É pra *Nhanderu Mirim* que aquela estrada é feita. Ninguém (mais) vai seguir por ela.

Xeramói João Silva – *Vera Mirim*
(*Tekoa Xapuka/Braku, Angra dos Reis/RJ*)

OS MBYA EM CONTÍNUO MOVIMENTO

Por que antigamente não parávamos em um lugar só? Você pergunta assim: É porque com o tempo as aldeias que os antigos formavam iam ficando sem proteção, por causa dos espíritos maus. Por isso, eles fumavam, pediam para *Nhanderu* para proteger eles, para iluminar os caminhos dos *xeramöi*. Eles falavam com *Nhanderu*, e o próprio *Nhanderu* guiava eles, falava para eles irem se mudando de aldeia pra aldeia. [...] Os lugares onde eles iam ficar, eram os próprios *Nhanderu* que mostravam.

Os *Jurua* (não indígenas) pensam que só tem um mundo. Mas não! Nós Mbya vimos aqui na Terra e, depois voltamos ao nosso lugar no alto, no céu, nas cidades dos *Nhanderu*. Era esse o objetivo dos *nhanheramöi kuary* (os nossos avós antigos). É muito importante sabermos que quando viemos aqui na Terra, lá de cima, *Nhanderu* não falou pra vivermos até este mundo acabar. [...] Você está perguntando por que os *nhanheramöi kuary* (os nossos avós antigos) não paravam em um lugar só, antes de chegarmos aqui. [...] Antigamente, os *nhanheramöi kuary* não paravam em um só lugar porque eles procuravam terras boas para plantar. Eles ficavam somente o tempo certo. Quem guiava eles eram os *nhe'e*. Por outro lado, com o tempo, o *tekoa* ficava sem proteção. Para se afastar dos maus espíritos, os nossos avós se mudavam mais para frente; eles não podiam voltar atrás. Assim, eles seguiam através dos cantos e com o *petyguu*. Quando alguém falece na aldeia, fica o seu espírito (a sua sombra) aqui na Terra, e esses espíritos ficam nos incomodando nos sonhos.

Também, sempre que os nossos avós antigos passavam pelos lugares, eles davam nomes e é por isso que os *Jurua* sabem os nomes de cada cidade. Tem muitas cidades que têm nomes na nossa língua, e nós podemos identificar as palavras e os seus significados. Tem outros nomes que nós não sabemos [o significado]. Os não índios dizem que nós não somos donos das terras. Eles acham que os donos são aqueles que vieram do outro lado do oceano, de barco, mas antes de eles chegarem aqui no Brasil os Mbya Guarani já existiam. Os brancos falam que os Guarani não existiam aqui no Brasil. Então, é por isso que os brancos não querem nos dar mais terra. Antes de nós, nossos parentes já moravam aqui no Brasil.

Xeramöi Felix Karai Britzola – Karai Mirim
(Tekoa Ara Ovy, Maricá/RJ)

Bom, hoje em dia, nós jovens lideranças que estamos aqui hoje, nós aprendemos a trabalhar com os mais velhos. Nós, jovens líderes, sempre escutam os mais velhos, aprendemos com eles como nos comportar com postura de liderança mesmo. Claro que fazemos perguntas a eles, nós procuramos saber através deles. Por isso que hoje nós temos um pouco de sabedoria para falar para vocês agora. Nós perguntamos também sobre as caminhadas e por isso nós sabemos por que nós mesmos não se fixavam em apenas um local, mas estavam em constante movimento. E, realmente, eles não caminhavam por caminhar, mas, sim, faziam caminhadas sagradas em busca mesmo de *Vy Marã e'y*. E, realmente, isso já acontecia muito antes dos europeus entrarem aqui, já acontecia muito antes da entrada dos europeus. Nas caminhadas não havia só um único caminho. E, isso, os avós contavam. Alguns procuravam terra boa para plantar, e outros eram guiados por *Nhanderu* mesmo. Os objetivos mudavam em alguns aspectos: por exemplo, alguns vão pela iluminação de *Nhanderu*, à procura de *Nhanderu* mesmo, em outra dimensão. Agora, havia alguns que procuravam terra boa. Porque, normalmente, quando está para acontecer algo ruim em algumas aldeias, o *xeramõi* que está ali já vai saber muito antes. Por isso, o *xeramõi* decide partir antes também, e *Nhanderu* já ilumina para ele qual caminho ele deve tomar depois que sair daquele lugar. Depois chegaram os *Juruá kury* a quem também chamamos de *yypo kury*. Eles vieram justamente para nos prejudicar. Por tudo isso os nossos avós antigos não paravam mesmo em uma região apenas, sempre caminhavam. Naquela época, existiam aldeias grandes, havia muitas pessoas em uma comunidade. Sempre *Nhanderu* que está iluminando a caminhada. *Nhanderu* mostra quantos dias vai levar para chegar e o lugar onde eles vão parar e se fixar por um tempo. Então, há toda essa questão de parar em determinados lugares que hoje é tão questionada pelos *Juruá*; a questão da mobilidade. Mas não é somente uma questão de apenas caminhar ou se locomover constantemente. Tem também a questão dos plantos, da organização interna, das funções ao amanhecer, dos afazeres naquela aldeia, das pessoas que iriam cuidar especificamente da caça (...) e tudo isso entra na questão da mobilização, e sempre eles, os *xeramõi* já tinham essas questões. São essas coisas que eu tenho para contar, coisas que nossos avós também contavam para mim.

Adriano Morinico – *Karai Jekupe*
(*Tekoa Yvya Yvate*, São Francisco do Sul/SC)

Os nossos parentes andavam muito porque o próprio *Nhanduru* ilumina para eles andarem. E, apesar de ele ter criado a Terra, ele colocou os espíritos guardiões de todas as coisas. E, assim, o rio, o mato, as montanhas têm os seus próprios donos que devem ser respeitados.

Os xerami se moviam através de rezas e de seus *petyguá*, moviam seus filhos, netos e os seus parentes. Fizeram muitas aldeias e, por isso, viviam por aqui. E quando os não índios chegaram, os nossos parentes só se retiravam e iam para outro lugar, que nem hoje em dia. Esse sempre foi o nosso costume. Se os *juruá kuery* chegaram e nos incomodarem, nós vamos só nos retirar, antigamente era assim.

E essa mobilização faz parte da nossa vida, nós sempre temos que nos mover para a nossa saúde e bem-estar. Se ficarmos sempre no mesmo lugar, a gente é feliz, mas o nosso espírito, o nosso *nhe'é*, não fica feliz. Se repararmos nos mais velhos, vemos que depois de dez anos eles não estão mais felizes ficando somente num lugar, e quando sabem que não estão mais felizes eles buscam um novo lugar, um novo lar para se sentirem felizes. Mas hoje, infelizmente, não dá mais para ser assim, temos que ter a terra demarcada e outras coisas, e hoje em dia até os nossos próprios costumes, a nossa cultura, os não índios limitaram para a gente.

Timóteo da Silva – *Verá Popyguá*
(*Tekoa Takuarí*, Eldorado/SP)

Xeramói João Silva – Vera Mirim
(Tekoa Xapukai/Brakui, Angra dos Reis/RJ)

Nossos avós antigos, nossos parentes antigos, não viviam como agora. Naquela época, era tudo mato. Desde o começo eles já começaram a caminhar. Mas não era como agora. Nossos avós antigos rezavam muito e, então, *Nhanderu* já mostra o caminho para o filho. Dizia: "agora vai". *Kuaray*, no nascer do sol, sempre iluminava para ele. Várias pessoas, antigamente, vieram, mas não era para ficar por aqui. Vieram para atravessar, atravessar o mar, chegar em *Vvy Mardé'y*. Sempre vinham. Muitos. Vinham, vinham, vinham. Mas, depois que começaram as cidades e os países – Paraguai, Argentina, Brasil –, aí já não conseguiam mais, pois já não era mais como antigamente. As cidades com suas cercas impediam a caminhada deles.



NHANERAMÓI KUERY OGUATA YVYRUPA RUPÍ

Wvy Mbytere, no centro do mundo, os *Mbya* cantam para *Nhanderu*. Quem acredita mesmo em *Nhanderu* ouve a voz dele e, se ele disser: "é esse o caminho que vocês vão seguir", eles precisam seguir o caminho. Assim, eles continuam a caminhada, assim os nossos avós vieram pra cá. Quem ouve a voz de *Nhanderu* e segue o que ele diz, isso que é *guata porã*, o belo caminho:

Nhanderu guiava eles para eles fazerem a caminhada e mostrava o caminho, e por onde deviam seguir. Assim, eles vieram de Santa Maria e de outros lugares e seguiram juntos. Eles caminhavam a pé. Tinha muita gente a quem *Nhanderu* ia mostrando o caminho para chegar no litoral. Eles passaram pela Argentina, Santa Maria, Paragua. Eles ficaram um mês ou dois meses em algum lugar, e depois seguiam. Assim eles caminhavam. Eu não sei ao certo como contar porque eu ainda não tinha nascido naquele tempo. Só os meus pais e meus avós. Eles ficaram em São Paulo, formaram uma aldeia, ficaram um mês, dois meses. Assim eles caminhavam, faziam aldeias pelo caminho, porque *Nhanderu* não os queria no mesmo lugar. Nas aldeias antigas eles não podiam ficar porque eles não poderiam criar as crianças nesse lugar e, assim, eles continuavam a caminhada e seguiam o que *Nhanderu* dizia.

No começo do mundo, a gente já existia aqui. *Nhanderu* criou o nosso povo e outros povos, por isso estamos aqui. *Nhanderu* nos criou antes dos *Jurua* (não indígenas), por isso, nós temos os nossos direitos, mas eles também têm os direitos deles. Eles precisam nos valorizar. Eles pensam que sabem mais do que nós. *Nhanderu* deixou a terra para nós vivermos aqui, mas os *Jurua kuery* pensam que são mais inteligentes do que a gente e, por isso, eles mataram muitos índios, mataram muitos índios por causa da terra. *Nhanderu* diz: "os nossos filhos estão sofrendo nas mãos dos *Jurua kuery*. Eles estão acabando com os nossos filhos. Vamos destruir a terra aos poucos, assim é melhor". E se *Nhanderu* destruir a terra, o que os *Jurua kuery* vão fazer? Não foram eles que fizeram a Terra, mas dizem que são os donos da terra, fazem os índios sofrerem, alguns não gostam do índio, matam os caciques para conseguirem tirar o povo da sua própria terra.

Xejariyi Tereza – *Djãtxuka*
(*Tekoa Mboapy Pindo*, Aracruz/ES)

Xejariyi Maria Guimarães – Faro Rete
(Tekoa Marangatu, Imarui/SC)

Os nossos avós, nossos antepassados, nossos primeiros avós, aqueles que rezavam (*oporaí va'e*), que escutavam a palavra de *Nhanderu* (*Nhanderu ayvu*), sabiam onde ele ia nos levar, nos guiar. Ele veio pela aldeia dos Tupi, de outros índios, o nosso *xeramôí*. Mas ele errou pra *Nhanderu kuery* e, por isso, ele ficou na Terra (não foi com o corpo inteiro à *Yvy Marã e'y*), faleceu. Eu usei a palavra "morreu" (*omano*), porque vocês são jovens, para vocês entenderem. Minha mãe era filha dele e nos disse: "o seu avô nos deixou. Agora, com muita dor, nos lembramos dessa terra, na beira do mar de água salgada, e vamos prosseguir juntos, meus netos, minhas netas". Por isso que nós viemos e chegamos até Cantagalo (RS). Ficamos ali, plantamos milho, batata doce, mandioca, etc.. Era com esses alimentos que sobrevivíamos. Não tínhamos a comida do branco, só comíamos o nosso alimento. Vivíamos só plantando e cantando. Não tínhamos sofrimento. A gente não vivia sem *Opy* e, dessa forma, vivíamos melhor, sem tanto sofrimento. Na mata tinha muita caça para nos alimentar: tinha tatu, *koxi* (porco do mato), anta... E peixe também. E tinha frutas: *guavira*, *guaviju*, *jarakaxia*... E era dessa forma que nós vivíamos e nos alimentávamos. Era por isso que nós não pegávamos as doenças dos *jurua*. Continuava até hoje sem comer muita comida de *jurua*, mas, quando não encontro os alimentos de antes, sou obrigada a comer a comida do *jurua*. Ainda não sinto nada de mal no corpo e, por isso, não me disseram que eu tinha doença no rim ou no pulmão. E por isso que eu vivo bem, meus netos. Essa é a verdade: eu sou bem forte.

E por vocês que eu estou forte e estou falando com vocês. O que nós plantávamos acabou, por isso que vivemos na *Opy* cantando, sem esquecer de *Nhanderu*. Nós nos fortalecemos lembrando. Eu e o seu tio estamos fortes ainda, lembrando.

Então, isso que é difícil. Os brancos não alcançam o entendimento dessas coisas, porque os Guarani perguntam a *Nhanderu*, porque ele é o dono da Terra. Os Guarani mais antigos primeiramente rezavam, perguntavam, querendo saber onde havia lugar, *mato*, para morar. Era isso que eu estava querendo saber. Então, *Nhanderu* me esclareceu onde é que poderia ter aldeia. Através de tudo isso, eu vou indo, até agora. Isso os brancos não vão acreditar: "será que ele fala com *Nhanderu*?". Não vão acreditar que os Guarani conseguem falar com *Nhanderu*, até agora. É o *nhe'e* que fala para nós. É o *nhe'e* que vai contar onde é que tem lugar no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro; onde é que tem *mato*, onde é que tem nascente boa, onde é que tem lugar para os Guarani morarem. Eles, os *nhe'e*, que vão passar para os Guarani, para *nhaneramoi* (nossos avós). Até agora é assim, e vai continuar assim mesmo. Nós não vamos mudar isso. Nós vamos continuar. Mesmo que os brancos não gostem. Por que eles não gostam? Porque eles não sabem por que fazemos isso, esse trabalho. A nossa cultura é isso. *Nhanderu* oferece o lugar para nós e conta onde está, por onde devemos ir, onde

Paraguá, para fazer aldeia aqui. Eles quiseram saber desde o começo. Ainda em Ibirama. Até agora os *Juruá* me perguntam por que nós viemos até aqui, por que saímos de Chapecó, de da FUNAI para me ajudar. Chamei também as pessoas que tinham ficado em Chapecó. Somente Domingos morava. Então, chegada a hora, eles me avisaram que eu podia levar os meus filhos e netos para lá. Fui falar com o pessoal. Eu mesmo pedi a *Nhanderu Tupã* para fazer isso antes de nos mudarmos para Brakui desde Paraguá. Os Guarani iam fazer uma aldeia: "vão vir os meus parentes", dizem [aos espíritos]. E eles pediram para esperarmos os espíritos ruins das montanhas, da água. Os *xondoro* de *Nhanderu* vão lá para conversar primeiro, para explicar que ali tínhamos que esperar que os *xondoro* de *Nhanderu* claressem mais toda aquela região, o que é que tem lá, quais os não, que devíamos esperar mais um pouco. Os próprios *nhe'e* que me disseram que devia esperar mais um pouco. querendo vir até Brakui também. Os meus parentes, filhos e netos queriam vir naquela mesma hora, mas eu disse que até aqui, em Brakui, pra ver. Na hora que cheguei de volta a Paraguá, meus filhos e parentes próximos já estavam *Aexa ra'u, há'e rite ma aju; ojapura* (nos sonhos, os *nhe'e* me contaram onde deveria ir). De lá de Paraguá, vim por onde e pra onde tem que ir. Tudo isso eles esclareceram. Através dos *nhe'e* eu estava sabendo onde ia fazer a aldeia. Iluminaram para nós onde que nós deveríamos fazer a nossa aldeia. *Nhe'e* esclarece onde é que deve ser feita a aldeia, De lá de Paraguá, não fomos nós que decidimos vir aqui para Brakui (Angra dos Reis/RJ). Foram os *nhe'e* que

lugar. De lá, de Chapecó, fomos, então, até Paraguá. não queria brigar pela terra com os *Kaingang*. Pedi à FUNAI que nos ajudasse a conseguir os meios de ir para outro fortalecendo, cada vez queria mandar mais, e nós decidimos sair de lá. Decidi falar com a FUNAI e lhes expliquei que de liderança, pois havia um cacique Guarani e outro *Kaingang*. E isso não dava certo. O cacique dos *Kaingang* estava se em dia as Terras Indígenas estão separadas). Eu era o *ruvixá* (cacique principal) dos Guarani, mas havia um problema Naquela época não havia divisão do território, era uma única reserva onde morávamos junto com os *Kaingang* (hoje moram alguns Guarani. Minha mãe faleceu naquela aldeia. Fomos então para Chapecó. Lá eu perdi meu pai também. fazer uma aldeia guarani do outro lado do rio Guarita. Lá tem até agora uma aldeia que chama Cerro Corá, onde ainda Naquela tempo, o cacique principal *Kaingang*, Geraldino Deofordino, conversou com o meu pai e conseguimos

SPI. Fomos levados para a aldeia Guarita, onde vivemos junto com os *Kaingang*. Lembro até agora daquela época. Antes de haver a cidade, os meus avós fizeram uma aldeia próxima a São Miguel das Missões, em Santo Ângelo (Rio Grande do Sul). A aldeia se chamava *Tekoa Karandy*, naquela época. Hoje em dia, já ninguém conhece essa aldeia onde eu nasci. Desde essa época já andávamos muito. De lá, já começaram as expulsões; fomos expulsos de lá, na época do

vamos morar, onde vamos fazer aldeia. Então, nós vamos chegar lá. Ai, vão chegar os brancos e perguntar: "por que vocês vieram aqui? Quem mandou?". É assim que os brancos sempre falam. "Por que vocês vieram aqui? Quem mandou vocês virem aqui pra fazer aldeia?". Eles sempre falam. Mas quem fez o mundo foi *Nhanduru*. Ele é o dono. Não é o Governo, não é o presidente que é o dono das terras. Somos nós os primeiros que vivemos aqui. Os *Nhanduru* fizeram o mundo e fizeram nós, Guarani. Não somos os donos, apenas somos os primeiros habitantes desta Terra. *Nhanduru* fez esta Terra para que nós a usássemos. Então, não vou dizer que eu sou dono do mundo. Não é isso. Mas os *Nhanduru* o fizeram para nós usarmos. Para nós, Guarani. Por isso que nós temos direito. Sempre falo estas coisas. Não estamos falando nem brincadeiras nem mentiras. Temos certeza absoluta. Absolutamente, *Nhanduru* vai dizer: "está falando certo, meu filho, está falando certo". Nunca vai dizer que estamos errados, porque acreditamos em *Nhanduru* e ele que vai dizer que não é mentira. "Está certo" o que meu filho está falando". Vai dizer isso. Ele mesmo. É assim que nós, Guarani, sabemos.

Então, assim temos que contar para os brancos, aí vão acreditar. Se não, não vão acreditar. Os *nhe'tê* mostraram pra mim o lugar. Através disso, eu fiquei pensando que, para os nossos avós antigos, os nossos parentes antigos, também era assim que acontecia. Antes de acontecer, já sabiam. Esse exemplo *Nhanduru* colocou no meu coração, para eu entender que era desse jeito que os meus avós antigos encontravam os lugares pra morar. Nós somos assim, se lembrarmos mesmo de *Nhanduru*, ele tem condições de nos ajudar. Pra isso que ele nos enviou ao mundo. Mas, hoje em dia, nunca lembramos certo. Pedimos a *Nhanduru*, mas nos esquecemos de *Nhanduru*, então, é difícil de conseguir qualquer coisa. Confiar em *Nhanduru* supõe dizer: "*Nhanduru* que fez o mundo, então, ele que vai saber". Aquelas que vieram de *Vy Mbyte*, *Nhanduru* iluminou o caminho pra eles atravessarem o mar. Quantas pessoas que vieram de *Vy Mbyte* passaram para o outro lado? Quando alguns vieram de *Vy Mbyte*, já tinha muitos brancos. E eles deram dinheiro, muita roupa, e aqueles que vinham caminhando agradeceram muito, mas, depois, eles jogavam tudo fora, e nunca guardavam o dinheiro.

Xeramoi João Silva – Vera Mirim

(Tekoa Xapukai/Brakui, Angra dos Reis/RJ)

Xeramoí Augusto da Silva – Karaí Tataendy
(Tekoa Marangatu, Imaru/SC)

Eu nasci no Paraná, em Palmeirinha. Tem Palmeirinha e Mangueirinha. Mangueirinha é lugar dos Kaingang. Me lembrei: eu tinha mais ou menos sete anos. Morávamos lá, porque era um lugar que foi deixado para os Guarani e os Kaingang. Um tempo depois, o finado meu pai e meus tios queriam morar em outro lugar, que é chamado Dois Vizinhos, no Paraná também. Nós nos mudamos pra lá. Ali tinha um lugar onde tinha bastante terra, naquela época. Tinha muita terra que não tinha sido vendida. O Governo é que vendia a terra. Então, nos deixaram só um pedacinho pequeno de terra. Foi então que se lembraram da Argentina, porque diziam que lá tinha terra que não tinha dono. Fomos pra lá, em direção à Argentina. Passamos por Barracão, que é divisa de Paraná e Santa Catarina. Em Santa Catarina é São Dionísio Siqueira e do lado do Paraná é Barracão. Ficamos um tempo morando ali, mas depois eu me casei e o meu sogro e minha sogra queriam vir pra cá, porque diziam que tinham parentes por aqui, lá no Rio Grande, no rio Camaquã. Eles tinham uns parentes morando lá e se lembraram deles. Então, nós viemos De lá saímos, porque era um lugar muito pequeno, aquele que tinha sido dado aos Guarani. Então, saímos e viemos para um lugar chamado Osório. Moramos lá quatro ou cinco anos. Minha sogra faleceu e, três meses depois, meu sogro faleceu também. Ficamos sozinhos. Eu tinha ganhado aquela terra no Município do Viamão, onde hoje é a aldeia Cantagalo. Tinha gente que vinha de longe, da Argentina ou do Brasil mesmo, mas nunca pensaram em fazer aldeia. Eles paravam, fazendo artesanato pra sobreviver, em qualquer lugar. Muita gente deixava que eles trabalhassem por ali. Mas, depois que eu cheguei lá e vi que a terra não era ocupada e que parecia que não tinha dono (proprietário), fizemos uma roça. Então, apareceram os donos da terra. Se queixaram e me levaram para a cidade para conversar. Perguntaram por que nós estávamos lá, e eu disse: "ah, eu pensei que a terra não tinha dono, ninguém plantava ali, não tinha casa nenhuma. Então, nós chegamos e plantamos, porque temos que roçar, temos que plantar. Só pedindo pra vocês por aí na cidade não dá. Temos que plantar pra poder alimentar os nossos filhos". Fui indo por aí e, no fim, eu ganhei aquela terra; porque o cara que comprou aquela terra, fazia 30 anos que comprou, mas não fez melhoria nenhuma: não plantava, não construiu casa, só deixou como estava. Então, fizeram a conta para ver como estava a situação. Durante 30 anos não plantou, não construiu e não pagou o imposto. Fizeram a conta e viram que, somente com aquele imposto, já dava para comprar outra terra do mesmo tamanho. Por aí, eu ganhei aquela terra. Fui eu que ganhei aquela terra. Naquela época, não tinha aldeia, somente algumas famílias morando que, depois saíam, e vinham outros. Ali, era um parquinho só. Mas a população aumentou bastante e a minha esposa falou: "agora poderíamos buscar outro lugar para a gente morar".

Ficamos na BR, lá na Terra Fraca, do lado de Palhoça. Muita gente foi nos conhecendo. [...] Com a ajuda deles, fomos indo devagar até que me conseguiram aquele pedacinho lá no rio Maciambu. Aquela lugarzinho estava na mão do juiz e, depois, o juiz deu pra nós morarmos. Naquela época éramos poucos, somente quatro famílias, mas a terra lá era pequena também: 04 hectares e meio. Mesmo assim, a gente plantava um pouquinho, no meio das pedras, mas plantávamos. Então, muita gente dizia: "ah, ele planta, ele gosta de trabalhar na roça". E foi indo, foi indo... E foi então que passou o gasoduto que vinha da Bolívia e ia até Porto Alegre. Esse gasoduto é muito perigoso porque, às vezes, o cano poderia se soltar, ou estourar, e iria queimar. Poderia matar todo mundo e atingiria os índios. Então, nós ganhamos uma compensação pela obra do gasoduto. [...] Esta terra foi comprada, não foi nenhum governo que deu. Por isso, não vou deixar mais. Talvez podemos aumentar. Dizem que esta terra é muito pequena pra demarcar.

Essa aldeia, esse local, na verdade, já faz parte do litoral e há pessoas que já viveram muito aqui, fazendo caminhadas e passando por aqui: Piraquara, Antonina, Graciosa, para alcançarem a praia. Nossos antepassados vieram da Argentina, do Paraguai e passaram por aqui em busca de *Vy Marã e'y*, da Terra sem Males. Não era simplesmente uma caminhada, mas uma caminhada sagrada e quando passaram por aqui, deixaram a *Tava* que é o museu agora lá de Paranaguá. Diz-se que há mais um local pelo qual passaram que seria *Tava* e que fica ao lado de Guaraquêgaba, mas não cheguei a conhecer ainda. Eu nunca vivi por aqui, nunca vim antes, não vim nem passear aqui anteriormente. Eu nunca soube que existia Piraquara, mas eu tinha um sogro que era um *xeramõi* e, quando ele ainda estava vivo, ele disse: "você poderiam procurar um local para nós fazermos uma nova aldeia. Mesmo quando eu não souber mais, eu queria que vocês morassem longe daqui." Logo depois que ele disse isso, ele faleceu e, por isso, vim para cá. *Nhanderu* iluminou mesmo, mostrou, em forma de sonho. Ele mostrou tudo. Mostrou, realmente mostrou que essa seria uma aldeia, que nós iríamos parar aqui por um tempo. Ele mostrava também um outro local que será uma aldeia. No caso da outra aldeia, ele mostrou mais para a beira da praia mesmo de Guaraquêgaba. Não sou capaz de explicar como é possível isso, porque nunca vivi aqui, nunca vim aqui e no meu sonho já se mostrou tudo isso. Por isso que viemos e paramos aqui. Eu acredito que nós não viemos simplesmente fazer uma caminhada, mas viemos sim através da visão de *Nhanderu*. Por isso, quem vem aqui, é difícil de se acostumar, parar aqui e viver na simplicidade. Outras pessoas já tentaram morar aqui, mas não se acostumaram. Há pessoas que vêm e não ficam porque aqui não é permitido bebidas alcoólicas e o acesso é longe, então, é difícil para eles. Nós fazemos apenas festas tradicionais para sermos felizes.

Xeramõi Marcolino da Silva – *Karai Tataendy Mirangatu*
(*Tekoa Aragaí*, Piraquara/PR)

É verdade! Sobre isso que vocês estão precisando saber, vou falar um pouquinho. É verdade o que antigamente os nossos avós falaram, o que *nhandejari* (nossa avó) *Tataxi* falou. Ela contou pra nós, por onde eles andaram olhando, o que eles escutaram, o que eles viram... Eles foram pesquisando as futuras aldeias desde o começo da Terra, foram iluminando o caminho, desde a beira das grande águas, começaram a caminhar. A nossa avó sempre nos falou para escutar bem a voz de *Nhanderu*, aquele que fez o céu e a terra, nosso *Nhamandu*, ele sabe por que nós estamos caminhando. Ficamos um ou dois anos em um lugar e depois *Nhanderu* mostra de novo outro lugar. E os brancos sempre nos perseguiu. Então, *Nhanderu* fala pra nós: "sai um pouquinho daqui, que os brancos vão incomodar vocês". Porque nós estamos andando sempre em cima daquilo que é de *Nhanderu*, não é dos brancos. Mas eles sempre estão nos incomodando, nos prejudicando. Por que ele está nos mostrando, iluminando o caminho? Ele está falando: "vocês não percam esse sistema, esse *reko*". Nossos avós que nos fazem caminhar por esse caminho. Por isso que nossa avó chegou no meio de nós, para nos guiar. Os mais velhos e as pessoas novas, todos caminhando juntos. E sempre *Nhanderu kuary* mostrando o lugar onde a gente faz o fogo (as nossas aldeias). E nós, sempre em direção da beira da água, para caminhar em direção ao *Kuaray*, onde o Sol sai, seguindo a estrada do Sol. É isso que *Nhanderu* sempre mostra, ilumina para nós. Agora, os *tekoa* na beira do mar, nossos avós fundaram, porque eles caminhararam pela beira do mar. E, assim, muitos anos, foram andando e, depois, foram voltando para trás, de novo. Falavam: "vamos ficar mais um pouco aqui, para nós ficarmos sabendo onde tem matos, onde nós vamos fazer os nossos fogos". Quando estavam vindo de volta para trás, eles ficavam mais tempo, paravam mais nos lugares.

Eu mesmo não perguntei tudo pra *xejari* (minha avó), então, não sei por onde eles andaram. Eu mesmo nasci no *tekoa* (aldeia) de Parati Mirim, depois de crescido que eu vim nesse *tekoa* (no Espírito Santo). Quando a gente chegou, era só *jurua* que tinha. E uma senhora falou: "essa aqui é a minha casa, essa aqui é a minha terra não é de vocês". Então, levantamos a *Opy* e a mulher disse que ia fazer uma estrebria de vaca ali. Ai, estávamos procurando o lugar de fazer aldeia e foram *Nhanderu kuary* que mostraram pra nós o lugarzinho. Então, os brancos não puderam com nós, com *Nhanderu*, em Parati Mirim. E é assim. Depois, o meu irmão mais velho, Vera, contou que nós e a *tataxi Karai Tataendy*. Ele também contou, os mais velhos contaram. Minha avó falou: "vamos lá onde *Nhanderu kuary* mostraram, iluminaram pra nós". E os *jurua kuary* não querem que nós ocupemos, mas eram *Nhanderu kuary* que estavam passando a palavra pra nós e, assim, nós chegamos lá (aldeia Boa esperança – ES). A FUNAI e a empresa Aracruz Celulose e o Governo do Estado não queriam que a minha avó fizesse o *tekoa* (aldeia) ali naquele lugar. Então, nos levaram na Fazenda Guarani, em 1972. Mas, para lá, o meu irmão do meio não queria ir. Ai, nos levaram para a Fazenda Guarani. Eles falaram que lá existia vaca, cavalo, terra para ser plantada, tratou: "tudo vai ficar para vocês". Ai, nos levaram. Quando chegamos lá, de tudo quanto é lado, vinham outros tipos de Guarani. Foram juntando outros tipos de Guarani. Por isso que o meu irmão, que tem o nome de Vera Mirim, Vera Guyra, não queria ir. Depois que nós estávamos lá, ele não ficou bem no matos. Ele não queria ir, não queria. Depois que chegamos, a nossa avó começou a cantar para *Nhanderu*, três dias passou cantando para *Nhanderu*. Ai, falou: "não vão ao matos, não olhem para o matos, vamos olhar primeiro tudo o que tem aqui. Deixa que *Nhanderu* mande relâmpago e faça trovejar em cima do matos primeiro". Ai, ela cantou: "nós viemos aqui para ocupar essa terra". O meu irmão não ficou bem. Lá, nós ficamos três, quatro, cinco anos; lá na Fazenda Guarani.

Então, nossa avó falou: "agora que nós já vimos, vamos voltar. Vamos lá onde *Nhanderu* mostrou o lugar de nosso fogo" (ES). Naquele tempo era puro mato. Tinha tudo quanto é animal: porco do mato, *katetu*, anta; tinha de tudo naquele mato.

Depois, os *jurua* plantaram só eucalipto. Ai, não tem mais nada de caça do mato. Antes era puro mato e agora não tem mais. A minha avó falou assim mesmo. Em 1979, a nossa avó falou para nós: "agora eu vou entrar onde *Nhanderu* mostrou, iluminou antes". Eu tinha doze anos. Nós fomos, entramos na antiga terra. Ai, chegaram dois carros de polícia. Falaram: "saíam daqui. Aqui não é a terra de vocês. Por que vocês vieram fazer aldeia aqui?". E a minha avó falou: "não foram vocês que fizeram a Terra. Por que vocês estão nos incomodando por causa da terra? Aqui *Nhanderu* mostrou para nós, e daqui vocês já nos tiraram uma vez. Eu não saio mais daqui. Só se *Nhanderu* disser pra mim: 'Sai daqui, vai embora'. Mas vocês não vão me mandar sair daqui. Se fossem vocês que tivéssem feito a Terra, aí vocês poderiam dizer para nós sair daqui. Se vocês querem que a gente saia daqui, então, matem a todos de uma vez. Daqui nós não saímos". Os *jurua* se cansaram de nos incomodar. Depois daquilo, os meus avós conseguiram, tiveram o poder de fazer a aldeia ali. Agora nós estamos aqui, os moços, as moças, nós temos a nossa própria aldeia, nós temos os nossos foguinhos até agora. Às vezes, as crianças ficam brincando. Tudo isso nós temos pra contar. Sempre estamos contando. Onde nossos avós caminharam, nós estamos andando também. Às vezes, não é por preguiça que a gente não quer contar, os nossos netos é que não se esforçam para escutar as nossas conversas, para pegar os nossos conselhos. Por tudo isso, nós estamos sendo atacados. Porque, antigamente, os nossos avós contavam histórias, falavam pra nós por onde que nós andávamos, para onde que nós caminhávamos. Tudo isso eu estou contando pra vocês.

Xeramói Antonio Carvalho - Vera Kuaray
(Tekoa Mboopy Pindo, Aracruz/ES)

Nós temos força através de *Nhanderu*. Nós caminhamos, dormimos no caminho, chegamos. E, quando chegamos, outro nos pergunta como é que está a nossa aldeia. Pergunta sobre tudo. A saúde, a temos através de *Nhanderu*. Todas as coisas, para nós Guarani [acontecem através de *Nhanderu*]. Também para caminhar. E quando chegamos à aldeia dele, o *xeramói Vera Mirim* já perguntou tudo. Como estamos na [nossa] aldeia; como estão os adultos, as crianças. E agradece muito porque alcançamos a sua aldeia através de nossos criadores. E também sempre lembrando e pedindo – não só para uma pessoa. Todo Guarani, de manhã e de tarde, pede para proteger os nossos parentes que estão neste mundo, em todas as aldeias. A nossa cultura é assim. Através de nossa palavra, *Nhanderu* nos fortalece muito.

É através de *Nhanderu* que conseguimos chegar às outras aldeias. *Nhanderu* ilumina para andar bem na estrada, para não acontecer nada, para chegar bem na aldeia. *Nhanderu* é que está acompanhando. Quem vai viajar se prepara durante muito tempo antes da viagem. Pensa: "um dia eu vou lá, vou chegar lá". Pensa sobre a sua viagem. E, aí, seis meses, um ano depois é que vai fazer a viagem. Aquelas que vão fazer a viagem, todos os dias pedem a *Nhanderu* proteção, para andar bem. Quem os recebe em sua aldeia, agradece porque está vendo todo mundo bem de saúde. Nós fazemos isso [essa reza] e, por isso, temos o corpo forte. Porque durante muitas e muitas noites, e muitas tardes, nós passamos essa palavra, esse pedido, para *Nhanderu*. Antes de caminhar, antes de fazer a viagem, já pedimos para *Nhanderu* proteger, abrir a estrada. Porque *Nhanderu* tem muito *xondaro*. Aí, vamos a qualquer lugar. Mesmo tendo todas essas coisas, as que a gente vê e as que a gente não vê – os espíritos ruins -, nós andamos bem! *Nhanderu* recebe a nossa palavra, o nosso pedido e, através disso, fortalecemos nossa palavra. Os *xondaro, nhe'ê kuery de Nhanderu*, vão abrir os caminhos para a nossa viagem. Porque se *Nhanderu* não iluminar, se ele não abre pra nós, qualquer coisa pode acontecer.

Há muitas coisas no mundo! Se a pessoa tiver coração limpo mesmo, vai ter pensamento positivo. Se a pessoa confia em *Nhanderu*, então, vão entrar só as coisas boas. Aqui na Terra tem muitas coisas para fazer mal, tem vários tipos de doenças... Mas se você tiver o coração limpo, você vai andar tranquilo no meio de tudo isso. Os anos foram passando, e nós ficamos pedindo o fortalecimento de nossos corpos, a vida certa, a saúde. Isso aí é *nhanembaraete*, nossa força. É isso que a gente pede para *Nhanderu*. Ele, que vem nos ouvindo faz muito tempo, vai dar essa força para nós. É através dele que nós temos força, apesar de todas as coisas ruins que tem na Terra. Onde tem essas coisas ruins, na nossa vida, nos nossos caminhos, *Nhanderu* vai tirando um pouquinho. O ruim que vai querer chegar perto de nós, *Nhanderu* vai querer tirar. Por isso que nós estamos bem. É isso que o *xeramói* agradece, que muitos anos depois a gente se vê de novo, e continuamos fortes.

Em *Ara Yma* (tempos frios) pode acontecer de vermos alguma coisa ruim por aí. Mas não podemos colocar isso no pensamento. Devemos permanecer no caminho, sempre no caminho. *Ara Pyau*, então, é o calor, a gente sempre reza para *Nhanderu*. Temos que lembrar sempre, sempre, sempre. [...] Os mais velhos, faz já quantos anos que pedem proteção para viver bem, pra não acontecer o que não é importante, em cada lugar. A gente está bem de corpo, bem de saúde, tranquilos. Agradecemos por isso a *Nhanderu*, que nos protege: *Agyjyvevete!*

Xeramói Timoteo Oliveira – Karai Tataendy
(Tekoa Itanhaen, Biguaçu/SC)